
ELAS/ES NAS REDES: DECOLONIALIDADE NAS PESQUISAS E NAS DOCÊNCIAS SOBRE/NA/COM A CULTURA DIGITAL

Adriana Bruno
Ana Maria Di Grado Hessel
Emmanuelle Vaccarini
Lucila Pesce

Entendemos que o colonialismo, apresentado nos livros de história há alguns anos como período de expansão territorial e verdade dos fatos ali narrados, registra em suas ações uma realidade bem diferente, com manipulações, violência e silenciamentos a quem oferece algum tipo de resistência física, cultural ou política. E não somente contra um ou outro indivíduo, mas contra sociedades, costumes, crenças e territórios em diferentes continentes. Com usos e abusos de poder e torturas físicas e psicológicas.

Comportamentos que durante muitos anos impuseram condições subservientes, humilhando, dizimando e se apropriando de outras culturas. Como as festividades pagãs, deturpadas e modificadas conforme interesse do homem branco europeu e cristão. Um ditador de regras, com ações que validaram, por séculos, uma falsa superioridade intelectual, artística, tecnológica e cultural por toda a Europa e em cima dos povos colonizados, destacados então como incultos, massa de manobra e mão de obra com corpos exóticos desejados e agredidos, impedidos de uma (re)volução em prol de espaços e melhores condições de vida e acesso.

Contudo, há alguns anos percebemos movimentos que reivindicam seus espaços e audição de suas vozes. Com a força de homens e mulheres, intelectuais que quebram correntes e desafiam o sistema, seguimos rompendo com um tratado até então unilateral, que somente beneficiava uma parte, rumando para conhecimentos com realidades históricas e propostas reflexivas e discursivas que destacam intelectuais de nacionalidades marginalizadas.

Nessa proposta, o presente dossiê vem contribuir com esse movimento, reunindo um conjunto de artigos que abordam a decolonialidade nas pesquisas e nas

docências, no âmbito da cultura digital e nos convida a refletir sobre a importância de se pensar/produzir a partir do deslocamento de um conhecimento colonizador para saberes outros, multi/inter/transdisciplinares, valorizando as diferentes culturas e formas de pensar, ser e estar no mundo, vivenciando diferentes processos formativos. Portanto, o propósito aqui é ofertar olhares outros, plurais em sua reflexão, rompendo com o colonialismo imposto como herança, até os dias atuais. Isso implica uma crítica profunda aos modos de pensamento eurocêntricos que têm dominado as discussões globais sobre desenvolvimento, modernidade e progresso, entendendo a importância e urgência de ruptura com o pensamento e prática que mantém um modo como exclusivo e correto no processo educacional e reflexão teórica. O momento se faz propício para um movimento que possibilita outras vozes, olhares e propostas, como aqui discutidos nos textos.

Tal diversidade reflete o que Eduardo Chamecki alerta sobre a colonialidade: “A lógica colonial que subjaz a retórica da modernidade resulta em uma massa de seres humanos humilhados, marginalizados, esquecidos e vilipendiados” (Chamecki, 2010, p. 128).

Nesta direção, compreende-se a decolonialidade como um movimento amplo, articulado e transgressor que envolve as diversas instâncias da vida de pessoas de todos/as os países que foram colonizados, como questões étnico-raciais, de gênero, sexo, religião, múltiplas inclusões, e também economia, política, cultura etc. O que significa a integração de pensamentos e de práticas outras, de ser e existir no mundo. Tais pontos são relevantes por integrar, incluir, os diversos elementos dos viventes nos contextos plurais.

Chamecki (2010, p. 123) afirma que

Esse “giro descolonial” foi capitaneado por Walter Dignolo, com destaque, dentre outros, para o pensamento de Enrique Dussel, Anibal Quijano, Nelson Maldonado-Torres, Ramon Grosfoguel, Arturo Escobar, Santiago Castro-Gomes e Catherine Walsh. Caracteriza-se por sustentar que a crítica ao eurocentrismo moderno deve ser construída “de baixo”, do horizonte dos povos localizados no lado obscuro da modernidade, do contexto cultural e social daqueles que foram inferiorizados e vilipendiados pela

normatização moderna, da experiência histórica das vítimas da faceta violenta da modernidade.

Podendo ser associado ao 'grito de espanto' (Maldonado-Torres, 2008) ou a sair das 'gaiolas epistemológicas' (D'Ambrósio, 2016), a consciência da colonização (e de se saber colonizado) acontece tanto individualmente quanto coletivamente. Por isso, faz-se urgente que tais estudos e atitudes façam parte tanto das docências quanto das discências.

A abordagem decolonial nesse contexto busca desnaturalizar as hierarquias de poder e conhecimento, questionando as noções de neutralidade e universalidade que podem estar presentes nas pesquisas impregnadas dos preceitos coloniais. Isso envolve repensar as formas como o conhecimento é produzido, disseminado e valorizado, dando voz e visibilidade a experiências e saberes que foram historicamente marginalizados.

As tecnologias digitais, que possuem o poder de acentuar essas desigualdades, podem e devem ser utilizadas com intuito de promover vozes e experimentações, éticas e estéticas, que denunciam saberes considerados, até então, marginalizados ou menores. E que, na verdade, são outros saberes, com valores, tradições e fazem parte de histórias e vivências que formam os sujeitos sociais. A cultura digital tem sido produzida por todas as pessoas que desenvolvem, integram, dialogam, debatem, estudam, cocriam, enfim, interatuam na sociedade, compreendendo as singularidades e a pluralidade de contextos socioculturais mediados pelo digital. Trata-se de uma cultura contemporânea que coloca todos/as/es em (inter)relação. Em outros termos, há uma coexistência de saberes e técnicas que integram os seres humanos e abrem múltiplas possibilidades para o acesso, a produção, a cocriação, a transformação, a hibridização e a integração de dados, de informação, de conhecimentos produzidos pelas pessoas do mundo.

Temos um compromisso político, histórico e cultural de repensar e reconfigurar as formas pelas quais os diferentes conhecimentos podem ser reproduzidos, valorizando saberes e práticas silenciadas e mesmo massacradas pelo colonialismo e sua imposição que escravizava pensamentos e ações, punindo quem ousasse ser diferente.

É urgente e necessário ampliarmos os espaços para reflexões e diálogos sobre o tema, entendendo, inclusive, que a construção do saber pode acontecer fora das paredes da sala de aula, em outros locais e por diferentes culturas e costumes. Discutir a temática para construir um diagnóstico crítico das condições presentes e um chamado para a ação transformadora, com vistas a uma sociedade mais justa, igualitária e plural.

É neste cenário que o dossiê apresenta pluralidade de temas e de enfoques teóricos e metodológicos, no trato das pesquisas acadêmicas desenvolvidas no campo da Educação, por investigadores do Brasil, da Colômbia e de Portugal, o que lhe confere um caráter inclusivo e multidisciplinar, na análise e na divulgação dos temas de pesquisa por ele trabalhados.

Os dez textos apresentados a seguir discutem a temática e oferecem ao/à leitor/a alguns elementos que contribuem para a reflexão crítica sobre a questão da decolonialidade nas redes digitais, pensando e propondo outros olhares e possibilidades.

O artigo "Cibernética, Inteligencia Artificial, Investigación y Descolonización", de Miguel Alberto González González e Andrés Felipe Restrepo Pineda aborda a cibernética como um campo de implantação da inteligência artificial e como cenário de controle humano, de possível submissão; é um campo enriquecido para explorar em exercícios acadêmicos não apenas como implementação tecnológica, mas como campo de observação da colonização digital.

Teresa Vieira e Lúcia Amante, ao apresentarem o texto "Promovendo a Formação Contínua de Professores das Escolas Comunitárias em Angola", abordam o sucesso da formação de professores de escolas comunitárias de Luanda, na periferia da capital de Angola, com o uso da modalidade E-Learning.

O artigo "O Estágio de Docência no Curso de Doutorado em Educação de uma Universidade Comunitária no Norte do Rio Grande do Sul", escrito por Angélica Dalla Rizzarda, Sabrina Battisti, Adriano Canabarro Teixeira, reflete sobre a importância do estágio de docência no processo formativo de educadores. O artigo discute a

formação dos sujeitos, compreendida como um compromisso profissional com a sociedade.

O texto "O Digital em Rede e a Formação na Educação a Distância: Viabilizando Uma Comunidade Virtual De Prática" de Constantino Dias da Cruz Neto e Ana Maria Di Grado Hessel é parte de uma pesquisa de doutorado, de onde se recorta a organização dos recursos digitais em rede para dar suporte à manutenção de uma Comunidade Virtual de Práticas, ou Virtual Community of Practice. A narrativa foca uma pesquisa-ação e por meio da observação participante, relata como uma instituição de ensino e seus membros esforçaram-se para manter a formação de professores para e durante a pandemia da COVID-19.

"Memetizando a Ciência: #Fridaconselheira como Possibilidade de Resistência", artigo escrito por Isabela Pereira Vique, Maria da Conceição Silva Soares e Maíra Mello Silva, aborda a criação e divulgação de memes como problematização e resistência criativa às normas estruturais socialmente preestabelecidas, em relação a questões que articulam gênero, infâncias, docência e educação. As autoras inferem que as redes sociais digitais impulsionam a circulação desses conteúdos, com a possibilidade de coautoria, em que praticantes da cibercultura curtem, salvam, compartilham, editam, baixam e comentam postagens. Para entender como ocorre essa dinâmica, analisam alguns memes do quadro #fridaconselheira da página do Instagram @fridavaiaescola.

Renato Akio da Cruz Yamaguchi e Wilmihara Benevides Santos apresentam o texto "Ações Educativas Museais Online na Pandemia: Intersecção entre Arte, Saúde e Direitos Humanos" e refletem sobre os resultados de uma experiência educativa na qual educadores do Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca de São Paulo. Durante o período mais agudo da pandemia de Covid-19, os educadores propuseram o uso de celulares e lives pelas plataformas do Microsoft Teams e do Zoom para realização da ação educativa.

"Memes Antifeministas e Conservadorismo em Rede", de Quésia Alves de Souza Sanches Domingues e Lucila Pesce, analisa leituras e enquadramentos

femininos. O objetivo do texto consiste em examinar o conteúdo de memes antifeministas coletados no portal aberto do Facebook “Antifeminista” para compreender em que medida os sentidos socialmente apreendidos das representações do feminino feitas pelos ideais ligados ao conservadorismo hodierno apresentam potencial para capitanear possíveis propostas sociais de formação leitora crítica, no contexto da cultura digital, pensando em desconstruir estereótipos e leituras restritivas das existências femininas.

No “Contexto de Cibercultura, o que pode a Fotografia no Ensino de Geografia?”, escrito por Nathan Moretto Guzzo Fernandes, Rebeca Soterio Martins, Shirlliney Virginio de Sousa, Vilmar José Borges e Tiago Cardoso Melo, apresenta a fotografia como alternativa aos métodos convencionais no ensino de geografia, considerando-a uma linguagem criadora de conhecimentos e produtora de saberes que permite aos estudantes serem participantes do processo de criação, produção e pensamento sobre o espaço geográfico em que estão inseridos. O texto dialoga com autores que trabalham conceitos fundamentais para a disciplina de geografia bem como com autores que estudam fotografia e sua contribuição à educação. Conclui que diferentes linguagens, como a fotografia, têm grande potencial pedagógico no ensino de geografia.

Adriana Rocha Bruno, Bianca Dias de Souza e Káren Taloana Florêncio Souza, autoras do ensaio “(Trans)Formações nas Docências Contemporâneas: Interfaces com a Cultura Digital, a Decolonialidade e a Linguagem Emocional”, partilham discussões que emergem de perspectivas outras para se pensar as docências contemporâneas, tecendo conversações e interfaces com a cultura digital, a decolonialidade e a linguagem emocional. De maneira articulada, evocam diferentes vozes, saberes, linguagens, memórias, culturas e experiências, trazendo a importância de uma educação voltada para o ancestral, o afetivo e o plural, em meio às complexidades e temporalidades existentes, bem como, às aprendizagens oriundas desses fazeres no/com o coletivo.

O ensaio “Nas Brechas do Sistema: Decolonialidade, Comunicação, Mídias e Identidade Negra”, produzido por Shirlei Alexandra da Cunha, discute conceitos como

o colonialismo e a colonialidade do poder, do ser e do saber pois explicam essa realidade de inferiorização e de desumanização de pessoas, em especial, os negro. O pacto narcisístico da branquitude perpetua os valores e ideologias de seu grupo e impede os subalternizados de acessar as melhores posições na sociedade. No mundo físico, o controle dos meios de produção e divulgação de seus produtos ainda se concentra nas mãos de grupos muito bem caracterizados: homens brancos e cisgênero. Neste ensaio teórico considera-se que, se no ciberespaço a presença dos corpos negros é uma realidade tangível, já nas emissoras de Tv aberta a presença de protagonistas negros que fujam dos estereótipos que desumanizam e subalternizam seus corpos tem se constituído em mais um dos desafios deste grupo contra o racismo e na direção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Os textos supracitados buscam contribuir para adensar o debate sobre a decolonialidade nas pesquisas e nas docências, no âmbito da cultura digital, provocando um deslocamento do lugar comum e olhar para o outro e para si mesmo mediados pela cultura digital. Nesse sentido, este dossiê apresenta, agora, movimentos que permitiram uma ampliação no repertório reflexivo acerca das docências decoloniais, no âmbito da cultura digital, convidando olhares mais atentos para culturas e saberes outros, construídos por diferentes vozes e mentes, na/para coletividade.

Ao considerar a interseccionalidade das identidades e vivências de todos os grupos sociais, é possível construir um campo de estudos mais inclusivo, crítico e reflexivo, que valoriza a diversidade e promove a transformação social. A presença e atuação de todas as pessoas nas pesquisas e docências sobre cultura digital contribuem para a construção de um ambiente acadêmico e profissional mais ético, plural e igualitário.

Precisamos criar mais pontes e afetos para caminhos que proporcionem uma educação mais plural, interdisciplinar e realmente decolonial, com educadores cada vez mais atentos, com reconhecimento/percepção dos múltiplos territórios onde habitamos, incluindo o da cultura digital.

As organizadoras desta obra desejam uma boa leitura!

Referências

Chamecki, Eduardo. Dahermenêutica filosófica à hermenêutica crítico-alternativa: caminhos para a descolonização do saber jurídico. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

D'Ambrosio, Ubiratan. A Metáfora das Gaiolas Epistemológicas e uma Proposta Educacional. Revista do programa de pós-graduação em educação matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Volume 9, Número 20, 2016. <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/2872/2234>

Maldonado-Torres, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. Tabula rasa, n. 9, 2008.